



Márcio Holland*

Temos de acabar com décadas perdidas

Ao fim deste ano, chegaremos a 26 anos sem crescimento sustentável

Economia - Brasil

Muito tem sido publicado sobre o fiasco do crescimento econômico brasileiro. Muitas são as comparações com o extraordinário crescimento econômico da China, da Índia e mesmo do recente bom desempenho da economia da Argentina. Por que eles crescem tanto e o Brasil não tem encontrado o caminho da prosperidade?

Vamos falar do crescimento econômico brasileiro de uma perspectiva histórica, comparando o fraco desempenho recente com a própria performance secular do País, sem qualquer comparação com outras economias. Creio que um olhar sobre nossa história possa revelar muitos mistérios em torno de tão fascinante tema.

A grande motivação para tal é certamente o fato de que um novo governo, ou mesmo a reeleição do atual, deve pautar o crescimento econômico com meta primordial para os próximos anos. Afinal, a economia brasileira já vive sobre estabilidade de preços, bons desempenhos comerciais internacionais, queda gradual das taxas nominais de juros e, mais do que isso, um amplo consenso sobre a importância da estabilidade monetária com responsabilidade fiscal.

Lamentavelmente, este ano deve se encerrar com mais uma estatística de medíocre crescimento econômico, algo provavelmente abaixo de 3,5%. Mais uma década caminha para seu final e, mais uma vez, podemos antecipadamente rotulá-la de uma "década perdida". Trágico, não fosse uma realidade.

O fato é que um olhar sobre nossa história contemporânea revela dois fatos marcantes. Primeiro, as taxas de crescimento econômico observadas nos últi-

mos 105 anos (1901-2005) mostram um país com momentos de grande expansão (1950-1980) e de forte contração recente (1980-2006). Segundo, nenhum governo recente tem conseguido fazer nada minimamente comparável com o que vivemos entre 1950-1980 no que se refere ao crescimento econômico.

A abertura econômica dos anos 90 resultou em um fiasco, um crescimento econômico médio de 0,20% a.a. no nosso PIB per capita. O regime de câmbio flexível, com metas inflacionárias e superávit primário patrocinou um crescimento médio anual de 1,07% na renda per habitante. O governo FHC ou o governo Lula fracassaram na tarefa maior de uma nação, ou seja, a promover a prosperidade de um povo.

É fato curioso que, no começo do século XIX, lá por volta de 1800, a renda per capita brasileira era praticamente igual à dos Estados Unidos e que, um século depois, em 1900, um norte-americano já ganhava sete vezes mais do que um brasileiro. O século XX inteiro se passou como um curta-metragem, e quase nada mudou em termos de estatísticas de crescimento econômico. O que crescemos entre 1950 e 1980 perdemos com a estagnação a partir de então.

Hoje temos praticamente a mesma renda per capita de 1900, quando comparamos com a renda per capita média de um conjunto significativo de economias! E isso mesmo com fases de grandes expansões econômicas, intensas mudanças na estrutura produtiva do País, modernizações no parque industrial, aumento significativo da

escolaridade média com redução substancial do analfabetismo, urbanização, maior integração comercial e financeira com economias internacionais, estabilidade de preços, entre outros. São 55 anos, de um total de 105, com taxas de crescimento econômico abaixo da linha da taxa média secular (4,91% a.a.). Em 2006, completaremos 26 anos sem qualquer trajetória de crescimento minimamente sustentável.

Não esperemos dos economistas um consenso sobre os principais determinantes do crescimento econômico de um país. Muitos deles associam o fraco desempenho das econo-

mias às instituições ruins, como precário sistema de regulação de mercado, corrupções, poder judiciário ruim, ou mesmo a própria história de colonização. Outros destacam questões geográficas, o grau de integração comer-

cial com mercados internacionais, ou ainda a fatores ligados ao acúmulo de capital humano, a escolaridade, entre outros. Há aqueles que indagam sobre como conseguimos crescer tanto em fases em que as políticas econômicas estavam "erradas"! Refiro-me à nossa "belle époque" (1950-1980), quando o Banco Central (BC) não se preocupava tanto com a inflação, a economia era mais fechada e voltada para substituir importações, nem era integrada financeiramente aos mercados internacionais, além de amplas intervenções estatais. E crescemos.

Contudo, muitas economias com jurisdição pior e maiores riscos de expropriação de contratos crescem muito mais que outras, mais fechadas revelam

boas taxas de crescimento; e ainda outras economias com escolaridade similar à nossa não apresentam crescimento econômico tão frágil. Quando vivíamos sobre um quadro hiperinflacionário, nos anos 80, muitos alegavam que com a estabilidade de preços viria o crescimento econômico sustentável, o equilíbrio de balanço de pagamentos, a redistribuição de renda e mesmo a consolidação da democracia recém-conquistada. Infelizmente, sob preços estáveis (1995-2006) a renda por habilitade cresceu menos que 1,0% ao ano. Mas, então, qual é a chave da prosperidade?

Parece que recuperar o crescimento econômico brasileiro de modo realmente sustentável exige muito mais do que ajustes na política macroeconômica de curto prazo. Uma agenda que inclui redução das taxas reais de juros, ajustes na taxa de câmbio, aumento da eficiência do gasto público, promoção de reformas microeconômicas, reformas política, trabalhista, previdenciária e tributária, e mesmo maior abertura comercial, deve ser muito bem-vinda, ainda sob a égide da estabilidade de preços e da disciplina fiscal logrando reduzir a dívida pública. Contudo, para que tudo isso aconteça tão logo como almeja a sociedade brasileira, talvez tenhamos que começar a pensar sobre como resgatar o sonho de uma nação, com estratégias desenvolvimentistas, recuperar o espírito do empreendedorismo, da inovatividade, da prosperidade, do risco nas decisões e do gosto por prosperar em conjunto, em forma de nação. Definitivamente, é preciso um "pacto de nação".

* Professor da EESP-FGV/SP